

10. NOV. 1991

VIDA
MUNDIAL
ILUSTRADA

SEMANÁRIO GRÁFICO DE ACTUALIDADES

ANO II - N.º 56 - 11 DE JUNHO DE 1942 — PREÇO: 1 ESC.

A GRANDE ACTRIZ MARIA MATOS e a simpática vedeta da Rádio, Milú, numa cena emocionante do novo filme português «O Costa do Castelo», de Artur Duarte.





A ESQUADRA BRITÂNICA DO MEDITERRÂNEO tem sido um dos principais factores do poderoso esforço de guerra dos ingleses. A sua actividade em múltiplas missões — assegurar os fornecimentos britânicos para as posições de Malta, do Egito e do Médio Oriente ; dificultar as linhas de comunicação dos adversários e combater a esquadra italiana — tem sido notável. Dirigida até agora pelo almirante Cunningham (que se vê em cima, ao centro) — recentemente nomeado para uma importante missão na América — a esquadra britânica do Mediterrâneo merece as referências feitas pelo Almirantado.



DAMOS NESTA PÁGINA alguns aspectos dum combate naval travado no Mediterrâneo entre uma formação naval italiana e as unidades que protegiam um «combóio» inglês saído de Alexandria com rumo a Malta: O trabalho dos «destroyers» lançando os seus torpedos através das nuvens de fumo e as peças de grosso calibre dum cruzador britânico em acção.

Panorama Internacional

ENQUANTO AS BOMBAS CAÍM...

por Francisco Velloso

A BATALHA DE KARKOV



TIMOCHENCO

No dia 27, a agência officosa de informação francesa dizia de Estocolmo que a grande batalha que «se feria na região de Iziium-Barenkova, estava no ponto culminante. O comunicado alemão da mesma data dizia que «o aniquilamento dos exércitos soviéticos cercados ao sul de Karkov fazia rápidos progressos». No dia 30, começava assim: «Terminou a grande batalha de Karkov».

Por sua vez e respectivamente nas mesmas datas, o comunicado russo afirmava a 27: «Consolidámos as nossas posições na frente de Karkov. Na área de Iziium-Barenkova travam-se violentos combates»; e a 30: «no sector de Iziium-Barenkova, onde a luta é mais violenta, foram repellidos todos os ataques desencadeados pelo inimigo... De ambos os lados toma parte na luta cerca de meio milhão de homens... Tropas russas que tinham ficado isoladas, foram agora libertadas»; e a 31: «Na área de Iziium-Barenkova está a travar-se uma extensa batalha de tanks».

Foi entre 30 e 31, que a mencionada agência francesa introduziu no noticiário estoutra nova que alguns jornais intitularam interrogativamente: «De origem soviética dizem que a aviação russa observou grandes concentrações alemãs no sector de Briansk onde, segundo parece, se desenrolam já violentos combates. Uma notícia de fonte sueca deixa mesmo prever que a grande batalha de Karkov succederia em breve a grande batalha de Briansk». A informação, assim dada de tornaviagem, era verdadeira. Mas as discrepâncias acima apontadas, suscitaram dúvidas sobre se na realidade, a batalha de Karkov havia terminado ou não. Ora no dia 1, uma notícia de Estocolmo que fazia, através da Reuter, prudente juízo das duas semanas da batalha de Karkov, concluía: «a batalha chegou a ponto morto por exaustão dos adversários». Terminou efectivamente a batalha? *Es segun el color con que se mira...* Localmente, a batalha terminaria, mas não estrategicamente, opina um critico militar.

Está provado que Timochenco apresentou ao feld-marechal Von-Bock a batalha quando este preparava a sua offensiva e abre a ataque a Kertch. O marechal russo pôde assim criar o seu dispositivo para receber o adversário, mediante o avanço até diante de Krasnograd e rebaixando a Lozovaya. Com que fim? Primordialmente com o de sangrar o inimigo, absorvendo-lhe o máximo de meios? Isto, segundo os correspondentes em Estocolmo, também já não offerecia dúvidas.—E

julgamos que este objectivo foi conseguido, ao menos em parte essencial.

A LEI DOS FACTOS

Localmente, a evolução da batalha parece encerrada. Von Bock (reconheceu-o um minucioso relato alemão do dia 30 ao falar das quatro fases da batalha de Karkov, na qual inclui a de Kertch na segunda, considerada offensiva russa quando de facto não foi assim indicada de começo) no dia 29 de de maio ainda não havia a intenção de Timochenco e hesitava em lançar o grosso do exército. Repare-se no sentido desta pergunta: «Timochenco abster-se-á, a-pesar-de tudo, de lançar as suas tropas que, como se verificou, eram de escól, para as linhas alemãs na região onde se desejava que elas fossem lançadas, afastando-se das bases de abastecimento e tendo à retaguarda o rio Donetz?». A batalha já ia adiantada em mais de semana e meia. Dentro da interrogação acima transcrita está implicita, tanto quanto é possível divisá-la, a necessidade para Von Bock de uma solução de remate, pois os dois adversários andavam em choques esbaldijores de meios, e a dúvida de Von Bock mostra como ele, ainda nesse dia, não via o horizonte esclarecido em relação à applicação das suas disponibilidades. Timochenco, visivelmente, absteve-se de entrar no plano atrás apontado pelo relato alemão.

Von Bock pronunciaria já o ataque no flanco da resistência da linha russa Iziium-Barenkova que se subdividiu em dois troncos, um direito à primeira destas localidades, outro, sobre a esquerda, do comando de Von Kleist, em direcção norte sobre Gusarowka que os russos foram encontrar a tentar forçar o curso do Donetz entre Novo-Serpukovo, na margem direita, e Balakleya na margem esquerda do rio. Os russos transpondo o Donetz entre estes dois braços de irrupção da manobra alemã criavam sobre o flanco esquerdo de Von Kleist o travão, e reforçando ao norte, no sector de Vochansk-Liptsi-Zolochew, o ataque sobre Karkov que lhes deu a aldeia de Danilovka a três quilómetros da cidade, cortando o caminho de ferro de Karkov para Bielgorov, circunscreveram a área do golpe de Von Bock.

Agora o relato alemão explica o resto na denominada quarta fase da batalha: «A primeira brecha operada pelos soviets próximo de Iziium foi fechada quando o Exército blindado de von Kleist effectuou a sua junção com o Exército blindado de Paulus, cercando a região

imediatamente a sudeste de Karkov e operando 100 quilómetros à retaguarda da testa da grande cunha soviética, aproximadamente em 24 de Maio, data em que o grosso do adversário pôde considerar-se cercado. O adversário que se mantinha próximo de Krasnograd percebeu súbitamente que tinha de recuar se queria salvar alguma coisa. Mas só conseguiu fazê-lo até à região de Aleksejevskoje.—região que é precisamente a que preenche o curto arco de circulo entre um pouco a nordeste de Krasnograd e leste de Lozovaya, cidade onde nem os alemães, nem os russos dizem, porém, o que succedeu.

Vejamus como substancialmente isto deve andar à roda da verdade, que os técnicos apurarão (pois estamos somente a raciocinar sobre textos e uma carta com gráficos), tal como se depreende do já citado resumo da Reuter, desde Estocolmo: «Prosseguiam combates violentos no domingo (31) e na manhã de 2.º feira (1 de junho) no sector de Iziium—Barenkova onde von Bock dirigira a offensiva de «tanks» durante toda a semana sem apreciável avanço. Os aviões russos, como aliás os alemães admitem, continuam a sobrevoar a pequena área onde dizem que os russos estão cercados e aniquilados aos milhares, mas esta não parece ser em Iziium-Barenkova, senão no pequeno triângulo formado por Krasnograd (65 qs. a sudoeste de Karkov), Merefá (15 qs. a sudoeste da mesma cidade) e o vale do rio Bereka no canto noroeste. Aqui ganharam terreno os alemães, destruindo, e também perdendo, grandes quantidades de homens e material, comprimindo os russos em volta de Verkhnyaya-Bereka, no Alto Bereka, e tentando liquidá-los. Os russos cederam, pois, diante de Krasnograd. O êxito alemão foi menor a sudoeste do saliente russo de Lozovaya».

Os dois relatos, o alemão e este da Reuter, ajustam-se perfeitamente.

Portanto, saltam aos olhos duas conclusões:—A vitória estratégica desaparece, porque, de facto, ela só existiria para os alemães se Timochenco não se abstivesse de trazer à frente offensiva (o caso da pergunta ou dúvida de von Bock que o relato alemão bem formula) o grosso das suas forças desfalcando a linha do Donetz. Surge nitida uma vitória ou êxito localizado e circunscrito alemão, reduzindo até uma profundidade de 100 quilómetros redondos o saliente de Krasnograd.

Se se admitir (e nada o prova até hoje) em face da seqüência da batalha na segunda e terceira fases, (pois a primeira, segundo os alemães foi em Kertch) que Timochenco procurou libertar a Ucrânia, ou o sul desta, numa offensiva a fundo, terá de reconhecer-se que não o conseguiu. É claro que é assim que Berlim apresenta a batalha. Mas propondo-se Timochenco, contrariar antecipadamente a grande offensiva alemã que de toda a parte se prometia, e, ao mesmo tempo, obrigou von Bock a não prosseguir no leste da Crimeia o ataque (agora volvido de Berlim em mera defensiva) ao Cáucaso por Kertch—de cujo campo depois da retirada dos russos da península vieram reforços alemães para a batalha de Karkov—o objectivo, o alcance estratégico de Timochenco foi realizado, sangrando o adversário, reduzindo a proporções locais (o pequeno triângulo acima descrito pelos dois contendores) o seu êxito, e impedindo uma offensiva imediatamente renovada. O mais curioso é que o relato alemão diz que Timochenco «ficará por muito tempo sem possibilidades de ter intenções offensivas de grande estilo», que é exactamente o que se pretende dizer da situação de von Bock. Comparadas estas palavras com os factos, estes podem não se ajustarem àquelas. Neste caso, também *ceci tue cela*. O êxito alemão não corresponde à rutura da frente russa. O resto depende dos meios dos dois adversários.

HORIZONTES



ROMMEL

chamamos à arremetida do general Romell nos areais libicos um rebojo do plano da offensiva hitleriana. Não há senão que integrar o arranco germânico nesse plano para melhor o compreender. Ao terminar a batalha de Karkov, o correspondente da Associated

(Continua na pág. 12)



VON BOCK



Mapa da frente sul da Rússia, com indicação das últimas operações

História de um morto

"Boccácio fala assim..."

Uma novela de Manuela de Azevedo

A CREDITEM e m quanto lhes vou dizer. Sinto-me um farrapo, inteiriçado pela neve, sinto-me um velho com pouco mais de vinte anos. Não estou a enganá-los, não tenho precisão nenhuma de mentir, tanto mais que os não conheço, não sei quem são, nem o que pensam de mim. Ainda não há dez horas que morri, sinto-me absolutamente manietado dentro deste esquite branco, coberto de crepes. Estou irritadíssimo com a barulheira que sinto agora à minha volta: confesso que não conheço um térço das caras que se precipitam sobre mim, desde as últimas horas. Maldito mulheiro, corvos danados a grasnar. Debicam-me todo, querem cegar-me, já rasgaram miseravelmente a carne do meu peito, à procura do meu coração, da minha consciência, de tudo que alimenta o veneno da sua coscuvelhice, do seu dize-tu-direi-eu e diz-que-dizem... Ah! — que se o meu braço forte mas adormecido pudesse violentar este torpor — como lhes ia à cara!

Vem muita gente. Estou aqui na igreja, no esquite, sobre a essa. Por que demónio me puseram assim deitado? Nesta posição incômoda, não consigo descobrir quanto se passa à minha volta. Gostava de saber por que razão os homens depois de cadáveres perdem a verticalidade, como qualquer animal de quatro patas. É inferior e reles que isto aconteça. Mas eu estou morto e o meu protesto — pff! — é um grito no deserto povoado apenas de camelos. Não me entendem — eles, os camelos — porque eu não sou nem nunca fui beduíno dessa casta. Pelo contrário. Sou — não, fui, quando era vivo — um honrado proprietário, senhor de terras na Beira. Nasci numa aldeia, criei-me numa aldeia, amei e morri numa aldeia. Mas não se aflijam nem se enojem com o cheiro a terra e a suor, que eu não era desses que grangeiam e cavam sol-a-sol. Ah, não! Eles, os outros que não tiveram pai que lhes deixasse a terra — esses que continuam a cavor. Ou que não cavem. Que diabo me pode preocupar agora? Sim, porque a minha preocupação é outra. Não me importo nada com a escaramuça de minha mãe. Todo este santo dia a alma danada não faz senão escandalizar-me com lágrimas de crocodilo. Ou que não sejam: se está arrependida, tanto pior para ela, que o mal não tem remédio, agora que estou morto por sua culpa. É o que lhes digo: ainda há destes exemplos: morri por culpa de minha mãe. Foi ela que me feriu, embora não fosse ela a faca que me cortou o coração. Não foi, isso é verdade: o instrumento de suplicio foi ela, a minha doce e querida Mania. Coitadita. Onde estará ela? Ainda aqui não a vi. É isto... Se eu pudesse fazer um movimentozinho, dar um geito pequeno ao corpo. Vá lá...

Upa! Isso sim! Não posso! Irra que magada, sufoco, morro!...

Que grande estúpido. Morto estou eu e bem morto! Entretanto, outra matéria vive nas minhas entranhas. A decomposição do meu corpo anima a matéria morta. Sinto perfeitamente que me invadem já milhões e milhões de seres vivos, de cheiro nauseabundo, viscosos, formigantes — oh! que horror, que fermentação pútrida, que putrefacção! Todos os tecidos e órgãos do meu corpo se alassam, desoram, numa confirmação química em que

porta, os corvos esfaimados, à caça de escândalos notórios...

Virá outro cadáver? Um que me faça companhia nesta masmorra eterna em que me sinto, à espera de umas psalmodias, de uns borrifos de água com ramo de oliveira, e da volta do ponteiro sobre as 24 horas previstas para um arrependimento da viagem e conseqüente regresso à vida... Talvez o meu companheiro que aí vem seja algum compincha, desses alegres rapazes que pontificam na botica, que tudo dizem e nada sabem...

vens pálida e linda nesse briaco de felpa suja de carneiro... Como vens linda e serena... Então, vamos, coragem, anima-te, vai-te embora, tem esperança noutro amor, deixa-me; os teus beijos afligem-me. Não vês que quero retribuir-tos e não posso? Os meus lábios estão cerrados, os dentes tão unidos que nem uma linha de sêda passaria. Nem um micróbio, nem um sópro de ar...

Maria, vamos, não chores, bem sei que te lamentas, que estás arrependida, compreendo tudo o que me dizes e tudo o que me não dizes. Bem sei, não te desculpes: eras nova, mulher, podias lá supor! Por Deus, por Deus, não te recrimines assim, sossego, sossego, minha Maria!

Oh!, esse grito, esse grito!
Que se passa?

Por favor, os senhores não saberão explicar-me o que se passa? Senti uma punhalada no coração e baqueei pesadamente no fundo do caixão. Agora regresso à vida da morte. Mentalmente, esfrego os olhos, como quem acorda e procura recordar-se: estou morto, dentro de um caixão, no meio de uma igreja, aqui em S. Cosmado, a dois passos da vila, à espera de ordem de marcha para o cemitério... De repente... Ah!, sim, veio a minha Maria, flor de estêva, cheirosa a caruma fresca e à cinza das barrelas...

Vinho chorosa...

Para que diabo me pegam agora? Deixem-se lá, senhores, de brincadeira! Deixem os mortos em paz; para que andam comigo aos tombos no caixão? E teimam: chegam-me, chegam-me para lá, como se o espaço continuasse na morte a ter vitalidade e constituísse um problema sério...

Cá estou no meu canto, meio recolhido, quasi de lado: nem na morte temos descanso...

Mas... não me engano! Trazem-me a minha Maria! É ela, não me engano! É ela, é ela, está morta, como eu...

Devagarinho, meu Amor... devagarinho, deita-te aqui ao pé de mim... tens no rosto transformado a marca do sofrimento. Que se passou, meu Amor? Maria, volta para mim os olhos quentes da tua alma. Morreste de amor e de pena...

A tua voz é quente e musical como a água da nora gorgolhando nos pucarinhos de barro. Tenho a impressão de que a tua carne moça ainda freme. Não tens o corpo enteiriçado como o meu. Há ainda em ti uma palpação de vida, uns nadas saborosos, como aqueles restinhos da última garfada do almôço... um calor morno como o leite da ovelha que ao nascer do Sol fôste ordenhar... Esta volúpia, este contacto entontece-me, como que anima o meu cadáver a propôr-te uma viagem de regresso à vida, para recomermos o nosso itinerário...

Ah! tu, Maria, não queres? Que não voltemos, sentes-te, bem assim, meu Amor? Ontem fôste tu que me deste metade do teu leite, ao lado do marido — hoje este, mais pe-



... pensou que havia agora só um problema: ver-se livre de mim

eu não acreditava. Dentro de pouco tempo, levar-me-ão daqui e ainda bem, que eu coraria de vergonha, se pressentisse que a gente que aí anda surpreendia esta laboração que me sacode as entranhas...

Que vão, que se fartem, que me deixem descansado, aqui neste leito mais largo do que era preciso. Cabiam dois. Mas vou só eu e é pena que alguns dos senhores não queiram vir também...

* * *

Que se passa? Desviam os olhos de mim, voltam-se para o lado da

Mas não! Que vejo! Não, não pode ser! Ah! mas é ela, é a minha Maria, o meu amor que vem!

Oh!, isto é demais, não posso, é contra as minhas forças! Quero saltar deste esquite, abraçá-la, beijá-la como nunca o fiz! Quero tomá-la nos meus braços, quero que este esquite seja o nosso leito nupcial, quero enxotar os corvos que voltejam, espantar essa velha mãe e, num gesto de posse triunfante, penetrarmos-nos da mesma essência de amor divino...

Minha Maria, minha vida, como

queno, é só para nós e dou-to eu a ti...

Os senhores não percebem nada desta história, mas eu vou contar, agora, de fio a pavio, tudo o que se passou. Não me interrompam e acreditem que eu sou um tipo de palavra, incapaz de uma mentira ou de um disfarce, um sujeito de quem os outros abusaram...

Ora aí vai: herdei de meu pai boa maquia em dinheiro e alguns tutores e uma mãe autoritária e preconceituosa. Um dia fêz reunir o conselho de família, para dizer que eu, rapazote de 18 anos espigados, não largava de mão a filha do «Marcado» — um tipo de enxada, pobre e só pobre. E como acharam que eu não tinha idéias bem assentes a respeito de preconceitos e posições sociais, acharam também que eu, filho de boas famílias, não podia ficar ali a estoirar os dias pelas mondas à coca da rapariga. Emmolaram-me com outras bagagens e mandaram-me a Lisboa a conhecer caras e consciências.

Os senhores estão a perceber que eles queriam, com o tempo, apagar da minha memória a imagem da pequena... Os parvos!

As viagens por cosas de parentes, as consumições e ainda aquêlê definhamento de menino-parôlo arrancado às saias da família e ao convívio da bem-amada não fizeram que se apagasse de mim a imagem da minha Maria. Não me deixavam voltar à terra — que eu precisava de bons cuidados de médico que não fosse João Semana — ela não sabia ler as cartas que eu mandasse mas nem por isso, aqui lhes juro, para que acreditem ou não, a imagem da minha Maria se esmaeceu na minha alma... E quando eu um dia voltei, já com 21 anos feitos, encontrei a Maria casada com um oleiro da minha aldeia beirã... Sofri, sofri, como os senhores podem — talvez não possam compreender... Chamei-lhe ingrato, infiel e perjuro e a tudo ficou muda a minha Maria, de olhos poissados no regaço e o rosto lindo a sair-lhe do bioco... Chorou devagarinho, depois disse-me que não pudera esperar mais, que me julgara morto e ela precisava de um arrumo, mas que era de mim e só de mim que ela continuava a gostar. Entretanto, pediu-me que a deixasse amarrada ao seu destino, que ficasse quieto e a não inquietasse...

Eu é que não pude fazer isso, por motivos que os senhores conhecem de sobra, pelo que não preciso explicar-lhos... Pela noite alta, rondava-lhe a casa e os meus ossos mal cobertos pela carne e pela pele, tranziam-se de frio, trespassados pelos flocos de neve... Um dia — perdão, uma noite — não me contive: entrei-lhe na casa vazia, escondi-me atrás do seu leito de ferro e esperei uma hora, duas horas — ou talvez alguns minutos — que os senhores não de compreender que em posição tão incômoda e situação tão estranha, a medida do tempo se perturbe. Quando lhes deu na gana, ambos regressaram e deitaram-se. Ele adormeceu com o alma de algum púcaro de barro no lugar do coração. Mas ela, a minha

Maria, bem a via, no escuro, de olhos a alumiar a noite da minha alma... De mansinho, para a não assustar, aproximei-me, calando-lhe com um beijo o grito que ia dar... E pedi-lhe, pedi-lhe de joelhos, a ciciar, que me desse um cantinho do seu leito, ali, devagarinho, só para aquecer a neve dos meus ossos e aquêlê frio de morte que pouco a pouco me invadia...

Maria vacilou, mas as minhas lágrimas comoveram-me e deu-se então o caso estranho do oleiro me ceder a dormir um tço do seu leito, coisa que muitos fazem por inteiro quando estão mais ou menos acordados. Mas, mais estranho ainda era que, à medida que eu aquecia ao contacto do corpo quente da minha Maria, ali tão hirta e quieta como eu — que pouco a pouco me fazia cadáver — sentia o frio cá por dentro a invadir-me. Uma paz doce me envolveu e dei então conta que, daí a pouco, Maria, aos gritos, acordava o marido para lhe dizer que eu estava ali morto e contar a minha história...

O oleiro, homem prático e valente, não teve inteligência para não acreditar na verdade e pensou que havia agora só um problema: ver-se livre de mim.

E, carregando-me aos ombros, pela noite alta, tôda vestida do manto branco da neve que caía — foi deixar-me ali, à porta da minha casa solarengo...

Oh!, o que então se passou é ridículo e indescrevível! Pela primeira vez, eu podia observar, sem o receio de trair os meus próprios sentimentos. Assim morto, quem pensaria que eu estava a observá-los com tamanho à-vontade? E dei-me a examinar êsses velhos tutores, essa mãe calculista falhada, êsses parentes e amigos hipócritas que se escondiam mutuamente as razões da minha morte, para não desluzir a fama das suas ponderadas acções e a pureza da sua bondade afectiva: os parentes queriam dar um bom exemplo da sua aflicção aos amigos e criados e êstes todos queriam mostrar aquêles como sabiam receber a lição...

Levaram-me para casa, meteram-me num caixão, trouxeram-me para a igreja e aqui estava à espera que me conduzissem ao cemitério, quando a minha doce Maria entrou cheia de dôr, tão linda como uma linda Nossa Senhora... Vinha dizer-me adeus, o seu último adeus... Mas quando chegou aqui não teve coragem para me deixar partir, enquanto ela ficava entregue à indiferença de um marido que era oleiro e pouco inteligente para não acreditar na verdade... A minha Maria morreu de dôr, exactamente como eu, que me finara de amor. Veio pedir-me metade do meu leito, como eu lhe pedira metade do dela, na noite anterior...

Agora que os senhores conhecem a minha história e a história da minha Maria, peço-lhes o favor de não perturbar o sono dos nossos dois espíritos que vão entrar na bemaventurança eterna. Deixem-nos em paz neste caixão, que eu peço desculpa de não lhes oferecer lugar mas espero que não estejam muito tempo sem nos vir fazer companhia...



OS ASSISTENTES ao banquete com que recentemente foi homenageado o sr. Conde de Monte Real, presidente do Automóvel Clube de Portugal.



AS EDUCANDAS da Casa dos Filhos dos Soldados do Pôrto durante a visita que ali fêz há dias o comandante da Região Militar.



SIR RONALD CAMPBELL, embaixador da Grã-Bretanha em Portugal, e sua esposa, visitando a Sala Inglesa da Faculdade de Engenharia da Universidade do Pôrto.

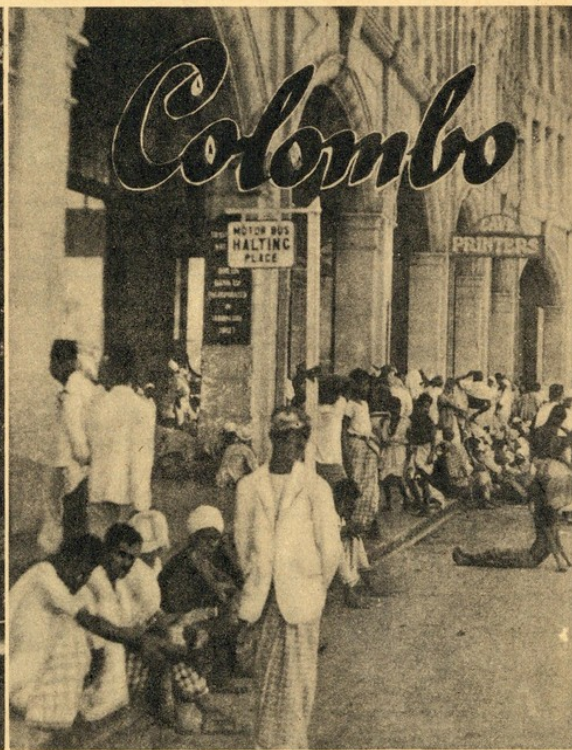


O SR. DR. REMO DE NORONHA pronunciando a sua conferência «Alimentação dos rurais do Douro», que realizou no Pôrto, na Liga de Profilaxia.

LEIA TODOS OS SABADOS

VIDA MUNDIAL

Vida MUNDIAL Ilustrada



COLOMBO, capital da ilha de Ceilão, é uma terra de maravilhas, cheia de paisagens encantadoras e com um pitoresco nas ruas como raramente se encontra nas terras da Oriente. Cidade das pedras preciosas, dos rubis e das safiras, as suas lojas são repositórios de raridades; grande ilha do Indico, Ceilão goza, ao mesmo tempo, dos puentes oceânicos e dos panoramas bizarros da Índia. Esta página mostra-nos três belos aspectos de Colombo.

ENQUANTO no Brasil e na ocidental costa africana se passavam factos da maior importância que acabaram pela completa vitória das armas portuguesas, a reconquista das terras que nos tinham sido usurpadas durante o domínio espanhol, outros sucessos se passavam no Oriente, menos felizes, é certo, porém não menos heróicos e gloriosos.

Os holandeses que, avidamente, se tinham lançado sobre o nosso império ultramarino, aceitaram de má vontade as tréguas estabelecidas e fizeram todo o possível por rompê-las. Davam-se ainda a circunstância agravante de os rajás que haviam vencido e dominado se quizerem agora aproveitar da nossa fraqueza para tirar vingança dos reveses sofridos. Para isso aliam-se com os nossos inimigos e tornavam cada vez maior a desproporção entre as forças deles e as nossas.

Um dos territórios para que mais intensamente se voltavam suas vistas cubiosas era a rica ilha de Ceilão onde já tinham occupado a fortaleza de Galle. Como esta dominasse uma vasta região do território português, quiseram os holandeses que o vice-rei da Índia, conde de Aveiras, lhes mandasse entregar tal território, no que, evidentemente, não foram atendidos.

Tentaram então alcançá-lo pela força mas não foram mais felizes, pois tanto as suas sortidas como os ataques do rajá de Kandy, o mais importante e poderoso rei de Ceilão, foram bravas e valentemente repellidos.

Por seu lado, os portugueses não conseguiram tomar a fortaleza, embora lhe tivessem ido pôr cerco, porque os nossos inimigos receberam importantíssimos reforços.

Foi então que dois bravos capitães conceberam uma das loucas temeridades a que andava tão afeito o espirito dos portugueses: — Com absoluto desprezo de todo o perigo e também de toda a prudência, lançaram-se ao assalto, remindo com uma morte heróica a desagostosa imprudência cometida.

Correu com isto grande perigo toda a parte portuguesa da ilha, salva, contudo, pelas rápidas e sábias medidas tomadas pelo governador, D. Felipe de Mascarenhas, que fortificou Colombo e pediu reforços ao vice-rei.

Corria o ano de 1644, ao em que o bravo Matias de Albuquerque ganhou a primeira das grandes batallas da Restauração. Mantijo serviu para nos compensar dos reveses que no Oriente se succedia. O génio português continuava a brilhar, mas era verdadeiramente deplorável e desolador o estado de corrupção e de indisciplina a que chegara o nosso império do Oriente e aí devemos ir procurar a causa dos nossos reveses.

Na Índia, sobretudo, o estado de coisas era alarmante. Se nos apparecem governadores verdadeiramente probos e dignos, capazes de fazer respeitar o nome português, muitos outros houve ambiciosos e despotas. Na sua grande maioria, os fidalgos procuravam enriquecer rapidamente cometendo embora toda a casta de atropellos, pois bem sabiam que com bastante ouro era fácil comprar as justicas do reino. Guerravam-se por ninharias, intrigavam, desobediavam, sem ver que as dissidências

entre eles convinham maravilhosamente aos nossos encarniçados inimigos.

Um ano depois de ter fortificado Colombo, foi D. Felipe de Mascarenhas nomeado vice-rei da Índia e partiu para Goa onde a sua índole disciplinadora e o seu carácter integro não podiam agradar aos indisciplinados, que, no entanto, tiveram de se vergar perante a sua energia. Decorreu então um período de relativo sossego até ao fim do seu governo.

Estava, porém, a findar a trégua de 10 anos estabelecida com os holandeses, trégua que eles sempre tinham procurado iludir. Era natural, portanto, que, finda ella, voltassem à carga com maior ímpeto, tanto mais que aumentava a desunião dos portugueses.

Em Goa fôra preso o conde de Obidos e entregue o governo a um indisciplinado que a mão firme de D. Felipe de Mascarenhas sujeitara. O exemplo da desobediência alastrava e não era de estranhar que em Ceilão também se izesse sentir.

Tendo o governador Manuel de Mascarenhas Homem — também depois vice-rei — ordenado a algumas tropas para se recolherem a Colombo, foi abertamente desobedecido. Verdade seja que era um impulso brioso o que levava os capitães à desobediência, pois intentavam ir retomar a fortaleza de Kulture, que havia pouco tinha caído em poder dos holandeses e que era importantíssima para a defesa de Colombo. Foram, porém,

disputaram uns com os outros acerca do comando — visto o general e o almirante se encontrarem feridos — que não se importaram com três navios holandeses capturados, nem se lembraram mais do auxilio que deviam levar aos compatriotas. Partiram desunidos, de forma que foram atacados separadamente e batidos por onze navios holandeses.

É certo que acabavam muitas vezes praticando actos de bravura. Era vulgar um navio abordado ir pelos ares juntamente com os atacantes, por ter sido propositadamente incendiado o paiol.

Frequente era também abrirem-se rombos no porão para os navios irem ao fundo, de preferência a serem aprisionados.

Enfim, esses loucos indisciplinados resgatavam os seus erros com rasgos de intensa e admirável bravura, mas donde nenhuma vantagem prática podia vir. Perdia-se tanto valor e tanta coragem unicamente por falta de disciplina. Tivesse esta existido e todo o Oriente seria nosso, não obstante a nossa falta de recursos e as forças verdadeiramente consideráveis dos nossos inimigos.

Contudo, no meio desta situação verdadeiramente critica, soube-se com espanto que os holandeses tinham abandonado a fortaleza de Kulture para tomarem novas posições que reputavam mais vantajosas. Decorrido pouco tempo procuraram, todavia, retomá-la. António Mendes Aranha era, porém, um comandante de raro valor

Coutinho, commandado por Gaspar de Serpa, e este, ignorando que a fortaleza estava já em poder do inimigo, caiu numa emboscada de forças muitíssimas superiores. Cercados por inimigos sete ou oito vezes mais numerosos, varejados pelo fogo das peças que elles possuíam, aqueles valentes portugueses, que não ultrapassavam 500, combateram denodadamente.

Gaspar de Serpa, como sempre, abriu prodígios referendo as fileiras rareadas e arrojando-se ao inimigo com incrível denodo. Os poucos sobreviventes desta luta desigual e encarniçada, lograram, por fim, refugiar-se em Colombo. Era aí que ia escrever-se a última página de glória.

O cerco previsto não se fez esperar, pois os holandeses tinham agora o caminho aberto e disputaram de grandes forças. Avançaram com incrível rapidez sobre a cidade, afim de tirarem vantagem da surpresa que nos pudessem causar, e começaram a atacar as fortificações com o fogo de quatro baterias.

O fogo era intenso e certo, e grandes brechas começaram a apparecer, tanto mais perigosas quanto a falta de engenheiro nos impedia de as repararmos convenientemente.

Tal como na metrópole, em que as obras de engenharia estavam nas mãos do jesuita flamengo Cosmader, que nos atiraçou passando-se para o campo dos espanhóis, no Oriente também o engenheiro, desgraçadamente, era holandês e fugiu para o inimigo. Além da falta que nos fazia, ainda podia indicar minuciosamente aos compatriotas a melhor maneira de orientarem os ataques!

Comandava os holandeses Gerardo d'Huld que intimou Sousa Coutinho à rendição, e, como elle altivamente se recusasse, ordenou um violentissimo ataque que deveria fazer cair a cidade.

Foi no dia 12 de Novembro de 1655. Estavam as fortificações já bastante dismanteladas, não obstante a inatigável actividade do governador que acudia a todos os pontos e tudo mandava reparar.

Os holandeses concentraram o máximo das suas forças e lançaram-se com grande impeto contra as muralhas de Colombo, que eram atacadas, simultaneamente, por terra e por mar. Com tal denodo, porém, se bateram os portugueses e tão mortifero e certo foi o fogo do forte, que o inimigo teve de retirar com graves perdas e verdadeiramente assombrado por tão grande resistência.

Gerardo d'Huld fez três vigorosas arremetidas mas de todas foi repellido e acabou por ser ferido gravemente.

O valor e a energia de Sousa Coutinho e dos seus bravos officiaes communicaram-se a todos os soldados. Como leões, acorriam a todos os pontos e mostravam o maior desprezo pela morte.

Um dos mais rijos combatentes era o padre Damião Vieira, sempre munido de um bacamarte que não errava o alvo, seguido por um pequeno grupo de homens, tão valentes como elle, e que não pouco estrago iam causando no inimigo. Verdade seja que o padre, nas horas vagas, procurava converter ao catholicismo aquellos dos inimigos que escapavam á morte caindo prisioneiros. Os os matava sem vacilar, ou procurava encaminhá-los á Céu...

Este padre Damião Vieira, quando já toda a fortificação não era mais que uma ruína, e, apesar disso e das multiplas privações, a

(Continua na pág. 16)

grandes e miserias do Oriente perda de Colombo e sua gloriosa resistência Uma crónica de Rafael Marçal

repellidos com perdas, e, tão grande cólera haviam causado a Manuel de Mascarenhas, que este mandou fazer fogo sobre elles quando es achou ao alcance das suas peças. Foi preciso que os religiosos da cidade, em procissão solene, lhes fôsem abrir as portas; a isto não ousou o irritado governador opor-se, mas demittiu-se do governo de Colombo.

Gaspar Correia de Serpa, nomeado capitão-mor do campo, mostrou que a escolha tinha sido perfeitamente acertada e fez perder um pouco a balança para o lado de Portugal, lutando intrépidamente contra os holandeses e contra os súbditos do rajá de Kandy, causando-lhes fortes perdas.

Contudo, a nossa situação na ilha não era nada boa: possuhamos num extremo Colombo, seriamente ameaçada pelos holandeses instalados em Kulture, no outro extremo Jafnapatam. Na região intermédia estavam as forças dos nossos inimigos, e, tendo assumido o comando destes um official mais enérgico e activo, também os ataques contra as nossas posições se tornaram mais activos. E, enquanto os holandeses iam sempre recebendo reforços, nós éramos prejudicados por falta deles e pela indisciplina sempre crescente que nos fazia cegos e surdos aos grandes perigos. Um exemplo frisante foi que tendo o vice-rei enviado de Goa cinco galéões com tropas e mantimentos, numa occasião, para nós, das mais criticas, os officiaes de tal modo

que lhes não consentiu realizar tal intento e, ao mesmo tempo lutava Gaspar Correia de Serpa com o poderoso rajá de Kandy.

As nossas forças estavam reparadas, defrontavam inimigos muito mais numerosos e o valente António Mendes Aranha via-se cercado em Kulture.

Foi então que chegou António de Sousa Coutinho, destinado a ver cair o dominio português em Ceilão mas ao mesmo tempo a sustentar uma das mais formidáveis e heróicas defesas que em todos os tempos e em todos os paizes a História tem registado. Iam escrever-se as últimas páginas do nosso dominio em Ceilão, mas haviam de ser escritas em letras de ouro.

Sousa Coutinho, apesar da sua idade avançada, começou desenvolvendo grande actividade, tomando medidas defensivas, pois bem calculava ter de suportar um cerco rigoroso. Teve a sorte de dispor de dois cooperadores valiosissimos — os intrépidos António Mendes Aranha e Gaspar Figueira de Serpa.

O primeiro, sustentou uma resistência heróica e inacreditável em Kulture; a sua firmeza e a dos seus soldados, dizimados pelos combates, pela fome e pelas doenças, ultrapassou tudo que era dado imaginar, mas a fortaleza succumbiu e foi forçoso tratar da capitulação que se effectuou com todas as honras de guerra. Não teve, por isso, o bravo António Aranha tempo já de receber o pequeno reforço que lhe enviara Sousa

CALÇADA DA GLÓRIA

Cravo! de
Santo António

Bailai, bailai, raparigas
Que Sant'António é bailão.
Tudo baile. Siga a roda
Que não pare o coração!

Dentro do meu corpo em chamas
A minha alma está em brasa.
Se não me casas, António.
Pego fogo à tua casa...

O amor é labareda
Ateada pelo demónio,
O que vale é que és bombeiro.
Ó meu rico Santo António!

No seu treno florido
De alfazema e alecrim
Sant'António ri p'ra todos,
Mas nunca se ri p'ra mim!

Na caixinha das esmolas
Cai dinheiro até mais não:
Sant'António anda a juntar
P'ra comprar um jaquetão...

Sant'António diz à gente
Que olhemos o céu estrelado:
Portugal é um balão
Que vai todo iluminado!

Sant'António disse um dia:
— Levantai as mãos ao céu.
Agradecei ao Senhor
O santinho que vos deu!

SANTO ANTÓNIO...
CORRÊA D'OLIVEIRA



Há que tempo vos deixara
Lisboa dos meus carinhos!
Meti por outros caminhos,
Porque o destino ordenara.

Tornei. A vida não pára:
Deu a terra mais espinhos;
Mas, também, abriram ninhos
Onde melro jamais cantara.

Voltei... Saúde, asa à solta,
Não brada aos céus, e não vult
Cada um à sua história?

Aqui estou... Inocentinho!
— Sant'António de Belinho
Na Calçada da Glória!

Cravo! de
Santo António

Sant'António capuchinho
Anda sempre em precisão
À frente vão os balões
E atrás o cantochão!

Ouvi dizer certo dia,
Sant'António milagreiro,
Que tinhas o coração
Em forma de mealheiro.

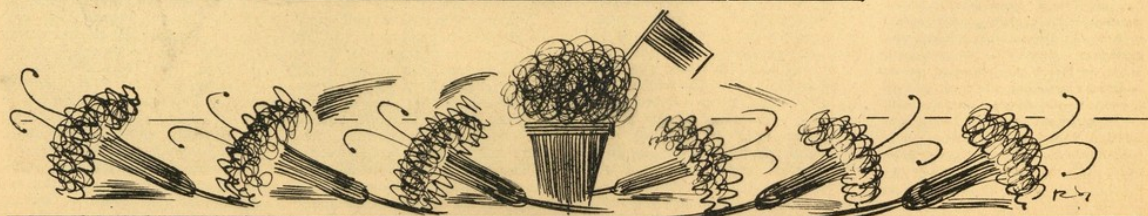
Sant'António é pobrezinho
Embora passe por rico:
Ind'ontem vendeu um cravo
P'ra comprar um mangerico.

Sant'António português,
Ó meu santinho de armar,
Faze que eu salte a fogueira
Sem nas chamas me queimar!

Sigam a roda, cachopas,
Que Sant'António abençoa:
Não há santo mais devoto
Nem mais querido de Lisboa!

Sant'Antoninho capucho
Tu és o meu «Ai-Jesus»:
Não te acendo duas velas
Só p'ra não gastar a luz...

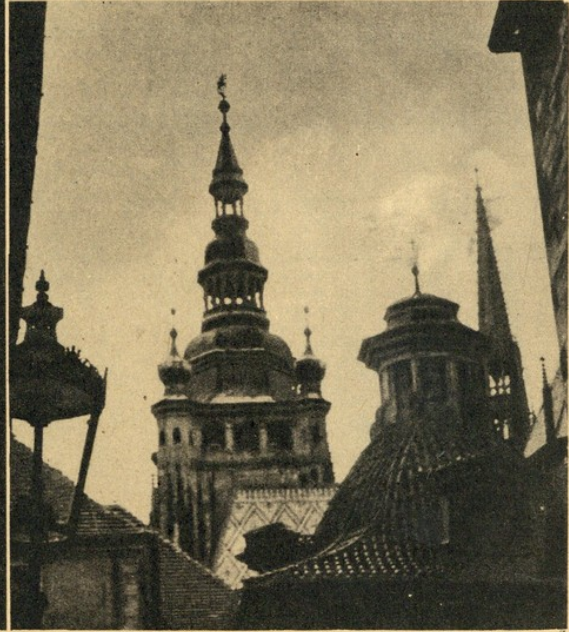
Luis S'oliveira



morreu em PRAGA

Heydrich

protector do Reich para
a Boémia e Morávia



EM CIMA, à esquerda: A torre do castelo de Praga, cidade onde actualmente se desenrolam importantes acontecimentos; à direita, a porta das fortalezas da cidade velha de Praga, testemunho monumental da antiga arquitectura alemã. À direita, uma fotografia histórica: Heydrich, o representante do Reich no protectorado da Boémia e da Morávia (à esquerda), recentemente morto quando saía de Praga, num grupo de individualidades checas, entre as quais o presidente do governo do Protectorado, dr. Jaroslav Krejci (à direita).

HISTÓRIA DA NOVA GUERRA MUNDIAL

* por Carlos Ferrão *

Capítulo X-nos areais da Líbia

2

A BATALHA DO DESERTO

TRÊS meses decorreram desde a chegada dos italianos a Sidi Barrani. Os dois adversários não se conservavam inactivos. Apparentemente, entretinham-se em operações de guardas avançadas, empregando-se no trabalho de incomodar e não deixar tranqüilo o inimigo. Estas operações vinham-se realizando desde o início das hostilidades naquêllec sector. Pelo número reduzido de contingentes que envolviam e pelo seu carácter puramente local serviam, à maravilha, para encobrir as verdadeiras intenções dos contendores e para disfarçar os preparativos a que ambos procediam.

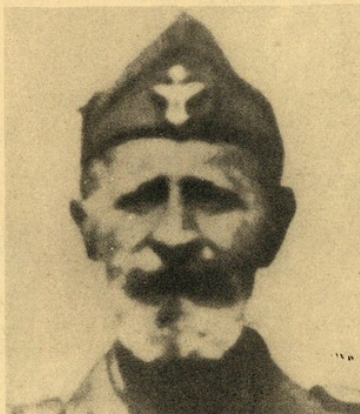
Em que consistiam, efectivamente, esses preparativos? Dum e doutro lado o problema dos abastecimentos occupava o primeiro plano das preocupações dos dirigentes. Do lado italiano, esse problema apparecia complicado pela distancia. A principal base de abastecimentos do corpo expedicionário italiano era o porto de Tripoli. Secundariamente Benghazi e Tobruk eram utilizados mas os desembarques que ali se effectuavam eram em menor escala e em menor volume. O caminho a percorrer pela auto-estrada de Tripoli à fronteira do Egipto era extenso e a accumulção de transportes tornava-o, por vezes, de utilização difficil.

Para os ingleses o problema dos abastecimentos não offerecia as mesmas difficuldades. Mas se as distancias a percorrer eram relativamente mais curtas, o trabalho de reorganização dum exército no Próximo Oriente e no Egipto absorvia inteiramente os chefes militares britânicos. Estes tinham que pensar no recrutamento e no transporte de tropas que mal começavam a chegar de diversos pontos do Império: da India e da Austrália, da Nova Zelândia e da Africa do Sul. Tinha-m que pensar, principalmente, no seu equipamento e no material que era necessário ás tropas para poderem fazer, com efficiencia, a guerra moderna. As autoridades civis colaboravam estreitamente com os chefes militares e todos demonstravam uma boa vontade incontestavel.

Quando da visita ao Próximo Oriente do ministro da guerra da Grã-Bretanha, Anthony Eden, este tivera occasião de verificar a extensão e a importância dos progressos feitos. Mas no Cairo, sede do quartel general britânico, como em Londres não se alimentavam illusões sobre as deficiências e as lacunas que não fóra possível suprir em tão curto prazo de tempo e no meio de contratempos e de difficuldades de toda a ordem.

OS PREPARATIVOS ITALIANOS

Os italianos passavam o tempo cavando trincheiras em Sidi-Barrani e na região limítrofe. Tinha-m disposto as suas tropas num certo número de campos bem defendidos por arame farpado. Maktila, Sidi Barrani, Sotali e o oasis



General Bergonzoli

de Giarrabub eram a sede dos campos mais importantes assim preparados. Quinze dias depois de occupação de Sidi Barrani não se notava qualquer indício de um novo avanço dos italianos. A sua preocupação principal consistia em estabelecer vastos depósitos de água e de carburantes. Dos portos de desembarque até à frente estabelecida pelo marechal Graziani, havia uma corrente de comboios de camiónes que transportavam, incessantemente, centenas de barris. De Sollum até Sidi Barrani não havia estrada, o que constituia um inconveniente grave. Para o remover, a engenharia italiana, apesar dos ataques successivos da aviação britânica, estabeleceu um excelente caminho.

Assim decorreram os meses de Setembro e de Outubro de 1940. O encontro Hitler-Mussolini no Brenner presagiava acontecimentos de importância. Quando o encontro se repetiu (28 de Outubro) o mundo apercebeu-se da gravidade desses acontecimentos. O exército italiano invadira a Grécia e o campo das hostilidades alargara-se, assim, à península balcânica. Mas em Africa não havia sinais annunciadores do desencadeamento de uma offensiva que, entretanto, se tornara inevitável dado o grau de preparação atingido nos dois campos — a necessidade de remover do Mediterraneo a ameaça da esquadra britânica, privando-a das suas bases. Suez era o objectivo final do marechal Graziani e, a esse respeito, os ingleses não alimentavam nem dúbidas nem illusões. Por isso os seus preparativos se revestiam também dum carácter febril que as precauções tomadas não conseguiam inteiramente disfarçar.

Nos últimos dias de Outubro, as escaramuças nos postos avançados tornaram-se mais frequentes e perigosas. Mas as primeiras semanas de Novembro trouxeram de novo uma tranqüillidade relativa áquelas paragens. No Egipto, que se decidira por uma neutralidade total, a

qual não podia impedir a permanência de tropas británicas no seu território, nos termos do tratado da aliança anglo-egipcia de 1936, a ansiedade era grande. Ia o marechal Graziani atacar, como se supunha? Ou tomaria o seu antagonista a iniciativa, adiantando-se ao golpe italiano?

WAVELL FALA AOS JORNALISTAS

No dia 9 de Dezembro pela manhã, os correspondentes dos jornais que se encontravam no Cairo em grande número receberam um convite do general Wavell para uma reunião. Que declarações teria a fazer o comandante em chefe? Haveria alguma noticia sensacional a transmitir? A curiosidade dos jornalistas não tardou a ser satisfeita. Com o seu melhor sorriso, Wavell declarou-lhes:

— Chamei-os aqui para os prevenir que as nossas tropas iniciaram esta madrugada um largo movimento contra os exercitos do marechal Graziani. A offensiva, portanto, começou.

A operação fóra preparada no meio do maior segredo. Só na véspera uma ordem do dia dirigida ás tropas imperiais as prevenira do que ia passar-se. A muitos, peritos e leigos, parecia impossivel que, dispondo de tão escasos recursos, o general Wavell se decidisse a atacar. Na sua attitude havia, certamente, muito de audácia e uma confiança illimitada na sua boa estrella. Em que medida se conjugava com estes factores o conhecimento exacto do estado de preparação e do clima moral em que as forças de Graziani estavam naquela altura? Esse é um ponto ainda por esclarecer e que, certamente, só o depoimento completo dos protagonistas do drama africano mais tarde será capaz de esclarecer completamente.

Entre os técnicos militares alemães, a opinião dominante era a de que a iniciativa britânica estava, de antemão, condenada a um malogro total. «Nenhum dos exercitos em presença, escrevia um d'elles, pode conduzir no deserto um ataque de surpresa com felicidade. Os obstáculos naturais e a preparação das forças mecanizadas dum e doutro para uma offensiva de envergadura impedem que esse ataque de surpresa produza todos os seus efeitos.»

Entretanto o plano britânico começou a ser executado com uma pericia e com uma perfeição notáveis. Nessa execução colaboravam as diversas armas numa harmonia perfeita. A esquadra e a aviação preparavam-se, há muito, para aquella prova que decidiria do seu potencial e da sua effiçacia. Estas armas tinham o encargo de desencadear os primeiros ataques que deviam, simultaneamente, desmortejar o inimigo e occultar-lhe o fundo do plano que o comando se propunha executar. Foi sob estes auspícios favoráveis que o general Wavell iniciou o seu ataque, que havia de produzir os melhores resultados.

O PLANO INGLÊS

Do lado inglês, o plano inicial das operações que contava, sobretudo, com o efeito de surpresa, era simples. Consistia em occupar Sidi-Barrani, explorando as deficiências verificadas no sistema defensivo italiano, e explorar esse éxito inicial avançando para Bug-Bug e para

Sollum. Entretanto a guarnição de Maktila seria contida por uma força que devia partir de Mersa Matruk, evitando o envio de reforços italianos. Ao mesmo tempo a zona de Sofali seria dominada por uma força de carros britânicos que seriam também enviados para a região de Aziziya onde, segundo as informações recebidas no quartel geral do Cairo, se encontrava uma divisão blindada italiana. A esquadra tinha, no quadro geral das operações iniciadas, um papel de relêvo. Devia bombardear incessantemente Maktila e Sidi-Barrani, além de outros objectivos que, no decurso das operações, lhe fossem especialmente designados. A R. A. F. incumbia a missão de evitar que a aviação italiana actuasse, atacando, sem descanso, os principais campos de aterragem e aeródromos da Líbia.

Efectivamente, na noite de 8 para 9 de Dezembro, os navios da esquadra inglesa do Mediterrâneo iniciaram o bombardeamento de Maktila e de Sidi-Barrani. As duas localidades foram evacuadas. A aviação inglesa atacou fortemente os aeródromos de Benina e de Sidi-Barrani. As forças motorizadas inglesas percorreram a maior parte da distância que separa Mersa Matruk de Sidi Barrani (cerca de noventa quilómetros) para tomarem parte no assalto a esta povoação.

Estas forças eram principalmente constituídas por destacamentos anglo-indianos que se tinham especializado na guerra do deserto. Os soldados do regimento de Fusileiros Reais, do regimento de Punjab e dos esquadrões de cavalaria indiana actuaram em estreita colaboração com as unidades blindadas que faziam a sua aparição sensacional, em número e em qualidade.

A conquista e a ocupação, por essas forças, do campo entrenchado de Nibeiva, em pleno deserto, era a condição fundamental do êxito da operação e o seu prosseguimento em condições vantajosas para o comando britânico.

O CAMPO ENTRINCHERADO DE NIBEIVA

Era no campo entrenchado de Nibeiva que se encontrava o comandante das forças blindadas italianas, general Maletti. Durante a noite os atacantes tinham-se aproximado sem serem pressentidos. O efeito da surpresa foi total. O general Maletti, na companhia dos seus oficiais, preparava-se para almoçar quando os carros ingleses irromperam no terreno onde tinha sido preparada a refeição da manhã. Um dos oficiais ingleses que tomaram parte na acção forneceu dela uma narrativa curiosa.

«De repente, conta êle, ouviu-se um rugido terrível. Com grande espanto dos italianos, os carros do 7.º regimento de «tanks» (7th R. T. C.) fizeram a sua entrada espectacular no terreno, seguidos de perto pela infantaria armada de baionetas. O ataque foi tão rápido que os italianos, que ali se encontravam, não tiveram tempo para se dirigirem aos carros que se encontravam próximo e para os porem em movimento. Mas um grupo de soldados italianos escapou-se e, apoderando-se de metralhadoras, começou a fazer fogo. O general Maletti, com uma espingarda metralhadora, começou também a disparar sobre nós.

«A medida que os carros avançavam no terreno ouviam-se as explosões das minas, cujo ruído se misturava com o matraquear infernal das metralhadoras. A defesa só começou a fraquejar quando o general Maletti caiu morto. Só nessa altura os defensores do campo reconheceram que o seu sacrificio era inútil. Resolveram então entregar-se. O número de prisioneiros feitos andava à volta de dois mil. Mas o material apreendido era bastante mais valioso.»

Entretanto outras acções desenvolveram-se simultaneamente. Na zona de Sofali as forças blindadas britânicas iniciaram também um ataque em forma. A sua missão consistia em alcançar a estrada do litoral na localidade de Bug-Bug, tornando assim impossível a retirada dos italianos se estes pretendessem evacuar Sidi-Barrani, concentrando-se em novas posições mais recuadas. Estas forças não encontraram qualquer resistência apreciável e fizeram o seu caminho depois de terem aprisionado quatrocentos soldados e tomado conta de sessenta veículos motorizados, ocupando o campo de Tummas.

O ATAQUE A SIDI-BARRANI

Estava desbravado o caminho para o assalto



Embarque de tropas italianas para Tripoli durante as primeiras operações na Líbia.

a Sidi-Barrani. A empresa não era fácil. Em redor da localidade, nos flancos e na frente, tinha sido construído um poderoso sistema de fortificações. Enquanto os navios ingleses bombardeavam Sidi-Barrani, a artilharia preparava-se para um duelo terrível. Iniciado na madrugada de 10 de Dezembro, o duelo prolongou-se durante algumas horas. A artilharia italiana alvejava, dum lado, os navios ingleses, do outro as concentrações britânicas em terra. A artilharia de campanha inglesa replicava com uma intensidade crescente.

No decurso do duelo de artilharia os carros britânicos iniciaram o assalto à povoação, sendo bem sucedidos. A infantaria não tardou a fazer-lhes companhia e um ataque à baioneta decidiu da sorte de Sidi-Barrani. As cinco horas da tarde a operação podia considerar-se terminada. Era importante o número de prisioneiros e valioso o despojo recolhido. Entre os prisioneiros figuravam alguns oficiais de patente superior e o general Gallini, conhecido pelas suas qualidades de bravura pessoal.

Antes de se proceder ao acto de rendição oficial, o general Gallini manifestou o desejo de dirigir uma alocução às tropas do seu comando. Deferido o pedido, o general dirigiu-se aos soldados, que se encontravam alinhados na sua frente, em filas cerradas, e disse-lhes, com a voz embargada pela emoção: «Em nome da pátria, agradeço-lhes o terem-se batido como fascistas.»

O avanço dos atacantes, entretanto, continuou. No mesmo dia 10, as tropas imperiais entraram em Maktila, de onde os italianos haviam retirado. No dia 11 atingiram as proximidades de Bug-Bug. Ali as coisas apresentavam um aspecto mais sério. As forças encarregadas da defesa da localidade eram numerosas e encontravam-se bem armadas e equipadas. A resistência foi, por isso, mais tenaz, embora não se prolongasse por muito tempo. O número de catorze mil prisioneiros fala, com suficiente clareza, da importância dos efectivos que tomaram parte na acção. Em seguida os italianos retiraram da zona de Sofali, perseguidos pelas tropas imperiais, em direcção a Hallaia, onde iriam concentrar-se para conti-

nuar a resistência.

A CAMINHO DE BARDIA

Com a evacuação do triângulo Sollum-Capuzzo-Hallaia e a retirada da guarnição de Maddalena, as tropas imperiais tinham libertado todo o território egípcio. A sua missão consistia agora em penetrar na Líbia. O número de prisioneiros feitos atingia, no dia 16, a importante cifra de quarenta mil. O valor do material apreendido era incalculável.

No território da Líbia o primeiro obstáculo de importância a transpor era Bardia a cerca de trinta quilómetros da fronteira egípcia. Bardia é uma fortificação natural cujo sistema defensivo os italianos tinham reforçado poderosamente. Durante três anos a engenharia italiana construiu obras defensivas de apreciável valor militar. No quadro da guerra do deserto e considerando os meios restritos e as condições particulares em que ela se faz, era geralmente tida como inexpugnável. A sua conquista não era empresa fácil. Mas o moral dos atacantes, em consequência dos êxitos iniciais, era muito elevado. Embora as forças empenhadas na ofensiva não fossem muito numerosas, a sua confiança na vitória era um factor que aconselhava o comando a prosseguir na acção. Além disso, dada a facilidade relativa com que se tinham desenvolvido os primeiros episódios da campanha, as reservas britânicas estavam praticamente intactas. Entre essas reservas figurava o contingente de australianos. Estes soldados haviam dado excelentes provas durante a última campanha, tanto em França, como na África e nos Dardanelos. A sua tradição e o seu valor eram excelentes.

Bardia é uma cidade colonial construída no estilo italiano e um porto para navios até quatro mil toneladas. A zona geográfica em que a cidade se encontra pode considerar-se a chave da Líbia. A sua importância natural era realçada pelo valor militar das fortificações que tinham sido construídas à sua volta. Dois dias depois da queda de Sollum, as primeiras unidades mecanizadas do exército imperial atingiam a periferia de Bardia. Mas tornou-se desde

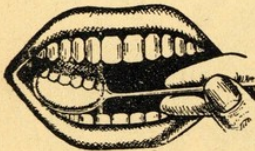
PANORAMA INTERNACIONAL

(Continuação da pag. 3)

Press, Lochner, regressado de Berlim, informou haver recolhido de pessoa alemã autorizada, que Hitler desencadearia em maio ou junho a sua ofensiva na frente de leste, apontando que tomámos de glosa àquela batalha de quinze dias, para efeitos futuros. E acrescentou não ser posta fora a perspectiva de uma marcha através da Pérsia e da Turquia, construindo-se febrilmente nas ilhas de Egeu centenas de barcas para utilizar nas costas marítimas da Ásia Menor. Por outro lado e na mesma altura, o *Frankfurter Zeitung* não escondia receio de uma tentativa de desembarque no continente europeu pelos Aliados. Em Washington repunha-se a probabilidade de um assalto nipónico a Vladivostok para prevenir um ataque eventual que viesse contra o Japão desde o Kamschatka e das ilhas Aleutinas. O *Nichi-Nichi* de Tóquio anunciava uma conferência de representantes das potências do Eixo, para coordenar forças marítimas, o

Gengivas são

Dentes fixos, sem cárie e sem piorreia



Só com PARGIL

(Produto medicinal)

e nunca com os dentífricos que, martelando na palavra «micróbios», não passam de banalidades falsamente medicinais de laboratórios de perfumarias.

PARGIL, com uma fórmula complexa (que inclui uma cultura posimicrobiana da flora bucal, esterilizada por um processo que é uma inovação), é um energético microbicida que metodicamente extermina os germes patogénicos que pululam nas idças, mesmo naquelas que te dizem limpas.

PARGIL não mascara **aisamente o hálito nem se limita a evitar as doenças. Ataca o mal na origem, sendo esta a razão dos seus inigualáveis efeitos.**

NAS FARMACIAS E DROGARIAS

logo evidente que o assalto à cidade e a sua conquista não se fariam tão facilmente como as operações que, até aquela altura, se tinham desenrolado a um ritmo surpreendente.

QUARENTA MIL PRISIONEIRO

Os preparativos ingleses para o ataque à cidade, consistindo principalmente na concentração de tropas frescas, quasi todas constituídas por unidades de australianos, prolongaram-se durante catorze dias, entre 18 de Dezembro e 1 de Janeiro. Entretanto o general Wavell assentara o plano de cooperação definitiva entre o exército, a armada e a aviação. Da execução perfeita desse plano dependia o êxito do ataque a Bardia. O general O'Connor, especializado na guerra do deserto, foi encarregado de assegurar essa execução.

O ataque iniciou-se com um bombardeamento intensivo dos aparelhos da R. A. F., que se prolongou ao longo de sete horas. No dia

que poderia referir-se ao recrescer do poder naval aliado no Pacífico... e à batalha do Mar do Coral.

Dentro deste emblehado de notícias, a arrancada de Romell pode constituir uma vanguarda ou uma diversão. Ainda vai em meio, dizem do Cairo, a batalha de carros no deserto a uma temperatura de 40 graus. Auchinleck e Ritchie davam por embotado o objectivo inicial do grande general do Reich sobre Tobruk, no caminho do Egipto. Mas se este não o rasga, — que restará para o plano alemão deste meado do ano? O tempo passa. A guerra submarina do almirante Raeder vai empenhada na maior fúria. Os estaleiros britânicos e americanos rotorem-lhe com mais quilhas e porões no mar. Novas descobertas policiaes revelam na América do Sul e no território Sul-africano que as quintas colonas não desarmam, até com apoios de traidores. Tudo isto ocorre já quando as restrições alimentares nos países beligerantes se cerram mais fortes. A demissão do ministro alemão dos abastecimentos, Daren, liga-se com esta crise de resistência. Na Inglaterra há pão para um ano. A solução das armas é pois, imposta pelas circunstâncias de uma resistência interna cuja pressão acelera como acicate. Os músculos valem neste momento tanto como os bombardeiros. E o esgotamento fozoso dos recursos levanta nos espiritos as maiores preocupações sobre o futuro económico e social do mundo.

SUA MAGESTADE TALIÃO



A oitava veio entretanto retroada do fragor dos bombardeamentos de Colónia e Essen por mais de mil aviões britânicos que os despachos de Londres se ufam de proclamar fabricados em Inglaterra. **ARNOLD** Fomos ler atentamente todas as informações, e nenhuma nos deu medida das apavorantes expedições como a de que as populações das cidades convizinhas ou da região de Colónia — Aix-la-Chapelle, Eufurt, e outras — fugiam em massa, ao verem aquela em escombros.

Esta guerra começou por um martírio terrível: — o bombardeamento flagelador de Varsóvia.

Era descomfável que a represália sobreviria à bruta quando — muito mais que em outros «raids» sobre cidades germânicas — os Aliados, favorecidos pelo desgaste inevitavelmente causado na guerra a leste às frota aéreas alemãs, obtivessem no ar superioridade em seus inimigos. Ei-la começada em Aostok

seguinte, 2 de Janeiro, a artilharia da esquerda e a artilharia de terra entravam em acção. A intensidade e a precisão de tiro não deixaram de impressionar a guarnição da cidade. Na madrugada de 3, as forças de terra deram começo ao assalto cuidadosamente preparado e em cuja execução os carros tinham um papel essencial. Atrás dèles seguia a infantaria australiana.

As fortificações exteriores não resistiram ao ímpeto do assalto. Ao fim dum dia de luta, a penetração dos ingleses no recinto fortificado de Bardia fizera-se numa profundidade que ia de três a dez quilómetros. O sector norte da defesa, mais violentamente atacado, cedeu e, apesar da energia da resistência, os ingleses começaram a fazer prisioneiros em número avultado.

Na tarde do dia 4 de Janeiro, a maior parte do sistema defensivo de Bardia estava nas mãos das tropas imperiais. No dia 5, a resistência p-dia considerar-se terminada com a

em Lubeck, e continuada, com uma força sem precedentes, nas zonas industriais do Rhur. No dia em que as esquadras regressavam, Churchill avisou de que implacavelmente cairia, uma por uma, nas cidades alemãs a mesma tromba de fogo destruidor. Os jornais ingleses antecipadamente respondiam a objecções de tom humanitário recordando centenas de milhar de mortos e feridos sob os bombardeamentos ordenados por Hitler e Goering.

No seu último discurso, o *Führer*, que festejou as ruínas de Londres, disse a 26 de Maio: «Também, agora, o meu aviso não é um sinal de fraqueza. Pode este homem (Churchill) lastimar-se e gemer, quando me vir forçado a dar uma resposta, que trará muitos sofrimentos para o seu próprio povo. Para o futuro ripostarei um novo golpe sobre outro, até que este criminoso caia e a sua obra se desmorene.

Efectivamente, os aviões alemães voltaram aos céus de Inglaterra e destruíram Bath e Canterbury. Mas, como a satisfizerem a reclamação encolerizada das mulheres e crianças que nos bairros populares incendiados de Londres, clamavam naqueles terríficos dias ante as ruínas das suas casas: — *Churchill, vingá-nos!* — agora é de Inglaterra e da América que veem as vozes de Sinclair: — «Primeiro esmagar a aviação alemã, depois invadir o continente» — e do tenente-general Arnold, comandante em chefe das forças aéreas americanas: — «Para ganhar a superioridade aérea em qualquer teatro da guerra, não temos tempo de esperar por aeródromos ideais, aviões ideais e situações ideais. Temos de realizar muito pelo menos possível. Os nossos inimigos demonstraram que estão prontos a sofrer baixas. Nós devemos nos preparar para sofrer também baixas, mas vamos tirar o melhor lucro possível delas. Espero que a minha visita tenha apressoado o dia em que as nossas forças aéreas se liguem na ofensiva aérea contra o inimigo, que ele não possa tanto resistir-lhe derrotá-la ou sobreviver-lhe.»

Só loucos ou ignaros poderiam imaginar que a Inglaterra e os Estados Unidos não levariam ao interior da Alemanha, com o péso da guerra, o pago, com juros sobejos, do que sofreram. Demoraram. Na hora própria, vingam-se pelos seus meios.

A TRAGÉDIA DA FRANÇA

Ao dar conta à Câmara dos Comuns da situação na Libia, durante a batalha que Romell abriu a 26 de Maio com a ofensiva do seu *Africa Korps* contra o exército de Ritchie sob o alto comando de Auchinleck,

o Primeiro Minictr, Churchill, re-riu-se, por três ou quatro vezes,



DE GAULLE

portado ao relatório que havia pedido a este último general, à participação cheia de bravura, na mesma batalha, dos Franceses Livres. A Câmara, a cada uma destas referências, ergueu nutridos aplausos, sobretudo quando o orador aludiu à heróica resistência em Bir-Hakeim, um dos principais eixos da defesa.

A Comissão de Londres a que preside De Gaulle, recebe assim nova consagração da mais alta representação nacional da Inglaterra, quicá a primeira que por seus feitos em guerra lhe foi tributada oficialmente na Inglaterra e há muito o devia ser.

No dia 15 de Maio, à noite, o general De Gaulle tinha razão em gritar, menos aos franceses a quem pela rádio se dirigia, do que aos Aliados:

«Quais as linhas de comunicação entre os continentes australiano e que ficariam abertas aos aliados americano se não houvesse uma França combatente nas suas colónias, na Nova Caledónia e nas Novas Hébridas? A importância do factor da França Livre pode ser amanhã decisiva. A França contribue materialmente para reforçar a posição dos aliados em Africa, no Chad, Camarões, Congo e Ubangi. Quem dominaria hoje o oriente arábico se a França, juntamente com os aliados, não tivesse libertado os Estados do Levante? O povo francês deu a prova da sua resistência em Saint Nazaire, Chateaubriant, Nantes, Paris, Bordeaux e Estrasburgo. A França mantém a sua capacidade de auxiliar poderosamente os aliados, conservando o seu espirito combativo e fazendo a guerra por todos os meios ao seu dispor».

E como se relembresse o direito de se sentar, em Londres ao menos, ao lado da Princesa do Luxemburgo — mas com muito mais direito.

E a 28, numa conferência com representantes da imprensa, o general repella com razão a interpretação capciosa de Washington de que o Movimento era apenas uma organização de militares revoltados quando, sem identificação com a potreira dos antigos partidos, visa à libertação do país, à magna aspiração popular francesa, e à restauração da República. Eis a tragédia da França. Mal com os homens por amor de el-rei, mal com el-rei por amor dos homens — dizia Albuquerque. Dos homens que não veem... ou temem a França de amanhã a exigir o seu lugar ao Sol em nome do sangue que derramou.

rendição das fortificações do sector sudeste da cidade. A contagem dos prisioneiros deu uma cifra elevada: quarenta mil, entre os quais o comandante da praça, general Bergonzoli, conhecido pela designação pitoresca de «Barba eléctrica» entre os seus subordinados, que admiravam a sua bravura tradicional, posta à prova em muitas provas rudes e perigosas. A queda de Bardia iniciava um período novo na campanha da Libia. As forças italianas começavam a ressentir-se das perdas sofridas em homens e em material. O general Wavell via a sua expectativa excedida pelo rápido desenrolar dos acontecimentos que o incitavam a prosseguir a sua rota triunfal.

(Continua)

(Rigorosamente proibida a reprodução, mesmo parcial).

FIGURAS DA VIDA NACIONAL



O SR. DR. VIEIRA MACHADO, ilus-
tre ministro das Colónias, que há
dias partiu do continente em visita
às possessões de Angola e Moçam-
bique e, por convite especial, à
União Sul-Africana, numa carica-
tura de Sant'Ana, um artista por-
tuguês de renome internacional
que principia neste número a sua
colaboração regular em «Vida
Mundial Ilustrada».

Um Santo entre os homens

por Manuel Martinho

PORTUGAL inteiro conhece as virtudes do bom Padre Cruz. Ele vive no coração do povo, na alma dos humildes, como apóstolo duma cruzada de bem-fazer. Tendo encontrado no Evangelho o amor do próximo, o bem querer das almas irmãs, dentro d'êles pautou a sua vida. Não há miséria que não tenha socorrido, não há dor que não tenha mitigado. Velando de noite, no catre do hospital, espera, com uma oração, salvar uma alma. A catedral onde se canta o seu triunfo — é a enfermaria onde se agoniza. A sua mão trêmula tem fechado muitos olhos, santamente.

Em volta do seu nome há quasi uma auréola luminosa. Desce à enxovia e, no meio de criminosos, espalha, no encanto do seu sorriso, uma brisa de espiritualidade — para o penitente encontra o perdão, para o descrente a Fé, para o ateu uma reza.

O povo, conhecedor do grande amor que êle lhe dispensa, corre ao seu encontro, confiante, ao vé-lo na rua, curvado, para lhe beijar as mãos, aquelas mãos que tanto se têm erguido para Deus a pedir a salvação dos homens. Tem espalhado, pródigoamente, uma imensa

fortuna. Vai a todo o lado com uma oração nos lábios e uma dádiva no bolso. Gente que o rodar incerto do Destino amarfanha no atoleiro da miséria, à beira do abismo, exausta de desespero, encontra a mão forte, milagrosa, que a salva.

Como aquele santo espanhol que, numa praça de Sevilha se despia para agasalhar as crianças, Padre Cruz tem igual gesto de caridade, no escuro dum portal, para vestir um mendigo.

Por isso não admira a veneração que lhe tributam, quando, em plena Sé, em festivo ambiente solene, missa celebrada pelo Cardinal Patriarca, velhinhas a chorar, crianças sorrindo, se ajoelham a seus pés, cobrindo-o de flores e beijos. Ele a todos sorri — um entreabrir luminoso de lábios infantis, uma doçura infinita no olhar e abre os braços, reconhecido, como se quisesse meter no coração todo o Portugal.

No próximo dia 25, celebra o venerando padre as «bodas de diamante» de sacerdotio. Para comemorar essa data, resolveu uma comissão de senhoras da nossa primeira sociedade promover um almoço em sua homenagem. Presidem a essa comissão as esposas do Chefe do Estado e do Ministro das Colónias.

Setenta e cinco anos de sacerdotio!

Um exemplo de fé, de humilde e de generosa dedicação.

* * *

Padre Cruz chegou, há dias, do Pôrto e da Madeira. Correu o Norte e a ilha jornadeando na divina missão de apóstolo. É um caminheiro, sempre de terra em terra, hoje dizendo missa numa singela capelinha no pináculo dum monte, destelhada e pobre, casa aberta às ovelhas que, numa graça bíblica, adormecem junto do altar, amanhã oficiando num majestoso mosteiro, entre repiques de sinos e vozes de coral.

Terra onde o Padre Cruz chega é dia de festa. Há uma ajeitua nas almas, uma alvorada de ridentes esperanças.

È êle próprio que nos diz: «Ah! a nossa santa gente! Eu nada tenho e nada me falta! Todos são meus amigos! Que contentamento para aquelas almas! Eu queria estar sempre ao pé de todos! Mas não posso. As primeiras visitas que faço, na terra onde chego, se for comarca, é ao hospital e à prisão. À beira do enfermo e do desgraçado sinto-me bem. As vezes — não calcula! (e os olhos do Padre Cruz têm um lampejo divino), chego a pensar como é que uma alma pode cometer um crime, pois que, todos na vida, temos um calvário de sofrimento.

È o padre Cruz, animando-se, conta-nos o caso acontecido numa terra da provincia em que, depois de ter confessado todos os presos, alguns criminosos e rebeldes de nomeada, pediu a autorização necessária para os levar à comunhão, na igreja. O doutor delegado, atônito perante aquela idéia, depois de ter recusado o pedido do sacerdote, disse-lhe:

— Quere que eu deixe sair os presos?! Mas, se algum fugir quem toma as responsabilidades? Veja, padre Cruz, que há aqui homens condenados a pena maior, criminosos para punir...

O padre Cruz, sorriu — e disse, simplesmente, como se tratasse da coisa mais natural d'êste mundo:

— Não há responsabilidade, porque nenhum fugi.

È, na hora aprazada, todos os presos, encaminhados para a igreja pelo virtuoso sacerdote, poderiam ter pensado, na ânsia da libertação, numa fugida. Mas à frente, humilde, sorrindo, confiado, havia uma luz forte que brilhava mais que o próprio sol. Essa luz era a bondade infinita daquele padre.

* * *

«Uma vez em Alfama...

È o Padre Cruz não nos deixou acabar a frase.

È uma nuvem, dolorosamente negra, na paisagem da minha vida! Já lá vão tantos anos. A República chegara, num alvorôço. Viviam-se a hora trágica da indecisão. Nas ruas da cidade, numa esquina, do escuro dum portal, a cilada, o atentado, espregavam sinistramente.

«Eu vinha dos lados da Sé. Nunca deixei de vir à rua — mesmo quando as bombas rebentavam à

porta das igrejas. Meti ali no coração de Alfama — ia ver um doente, coitadinho. Levava-lhe qualquer coisa... Nisto, oiço uma gritaria. Eu não percebia bem. Era de noite e as luzes estavam apagadas. A algazarra avizinhou-se e, em alta grita, ecoou sonora esta sentença: «Mata-se o padre! Mata-se o padre!».

«O resto — diz o padre Cruz com a voz ainda trêmula da emoção — tôda a gente sabe... e não tem importância!».

O leitor que se não recorde, deve querer saber. Por isso contamos êsse episódio do 14 de Maio. A turba cresceu. Havia furor — o ódio à igreja era tremendo. Faíscas gíngando, ébrios, abeiraram-se do padre Cruz. Fizeram-lhe um cerco. Mas nenhum, dominado por aquêles olhar de doçura, se resolveu a tocá-lo. Padre Cruz, no meio d'êles, sereno, esperava, com resignação, a hora do seu sacrificio. Nêste entretanto, um mais afeito, gritou: «Estamos a adorá-lo!». A turba animou-se, pareceu despertar de ódio. Passaram, nêste momento, uns marinheiros, de espingarda, na busca pelos bairros suspêtos. Viram a aglomeração, chegaram-se mais ao pé, mais ainda, até descobrirem o rosto do padre. E logo gritaram: «Alto! é o padre Cruz!».

Então os ébrios, de baixo da cegueira do alcool, tiveram um «Ah!» de espanto.

È mesmo ali pediram perdão — alguns a chorar. Todos o conheciam do Limoeiro!

* * *

Padre Cruz tem hoje 82 anos. Está velhinho, curvado, mas os seus olhos continuam acesos de espiritualidade. Estudou em Coimbra, brilhantemente, foi professor nos seminários, mas a sua alma de apóstolo chamava-o insistentemente para outros desígnios. Foi por isso mesmo que o falecido cardinal Mendes Belo, ao convidá-lo, honrosamente, para cônego da Sé, recebeu um carta, que todos os jornais publicaram, a recusar tal oferecimento. Èle não queria ter uma função — pertencia aos pobres, aos descrentes, mesmo aos ateus.

Onde houver uma alma para salvar que o chamem. Èle agradece. Vai o todo o lado.

Quando, há dois anos, foi celebrada missa pelo seu aniversário, Sua Eminência, o Cardinal Patriarca D. Manuel Gonçalves Cerejeira, quis receber a bênção das mãos do virtuoso sacerdote. È o Padre Cruz, comovido, via ao lado, a assistir-lhe no officio divino, o príncipe da Igreja em Portugal, num admirável e inesquecível gesto de admiração pela sua vida de exemplar sacerdote.

Padre Cruz é de Alcochete e tem grande amor à sua terra. Nela mantém, com a ajuda de amigos e de esmolas que lhe mandam — e tantas são! — três escolas para o ensino das crianças. O povo daquela terra quere-lhe tanto que chegam a gritar, quando o vêem de visita: — «Temos cá o nosso pai!».



O mais recente retrato do rev. dr. Francisco Cruz, foto especialmente feita para «Vida Mundial Ilustrada».



Antes da partida para as ilhas, onde foi visitar os enfermos, o Padre Cruz foi cumprimentado por numerosas individualidades.

Há uma hora que o Padre Cruz, sempre sorrindo, nos conta episódios da sua vida de sacerdote. Com uma prodigiosa memória, lembra-se de datas e factos, cantando pela vivacidade e do-

cura que dá ao diálogo. Fala-se de Guerra Junqueiro, êsse genial poeta que, antes da morte, veio receber os sacramentos da igreja. Alguém perguntara ao poeta se desejava um padre

ou um santo. «Tragam-me o santo!» — respondeu. Esse santo era o Padre Cruz.

«Infelizmente — diz-nos — morreu sem que eu lhe chegasse.»

— A humanidade tem as suas horas! No mundo em trevas há-de brilhar, novamente, um sol radioso! Todo êste mundo, que vibra numa hecómbe de sofrimento, reflectirá, numa manhã de Primavera eterna, que será eterna porque os homens hão-de querer e Deus hão-de ajudar! Peço todos os dias a Deus, de coração ao alto, que desça a sua infinita misericórdia sobre a terra — e que toque nos corações dos homens para que a guerra acabe...

«Pusemos, sempre, no caminho da Fé o facho mais luminoso. Fomos nós, portugueses, que mais alto erguemos as nossas preces de adoração à Virgem. Ela, rainha das almas, velará! Por todo o lado onde foi preciso chegar, chegámos, com a espada e com a Fé. O mundo abriu-se, quando, desleitas as lendas, lhe abrimos as portas de par em par.»

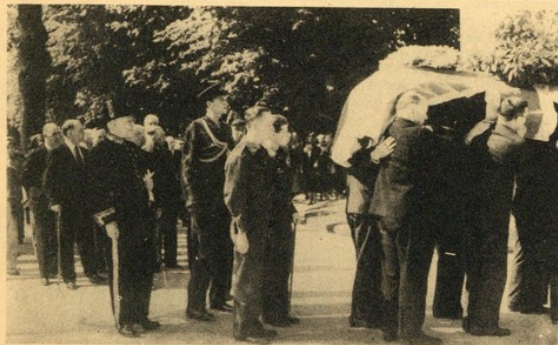
E o padre Cruz ficou extático, olhos semi-cerrados, a cabeça pendida.

— Sabe? Estava a lembrar-me que tinha de fazer ainda hoje! Vou já! Tenho que ir falar com o director da Policia de Investigação, por causa duma senhora que está presa...

— E agora até quando, padre Cruz?

— Posso lá saber! Eu ando por tôda a parte! Sou um caminheiro! Hoje aqui, amanhã acolá! Mas, a gente encontra-se! Portugal é tão pequenino...

E é. Tão pequeno que cabe, inteiro, no abraço do Padre Cruz!



UM AVIÃO INGLÊS teve recentemente um acidente quando voava sobre uma região do norte do País e despenhou-se. Dois dos seus ocupantes morreram e o seu funeral efectuou-se agora no Pôrto, com a assistência de numerosas individualidades em evidência na colónia britânica no norte.



AS FOTOS QUE PUBLICAMOS ACIMA mostram-nos dois aspectos do funeral dos aviadores ingleses. Em cima, o transporte da urna para o cemitério, vendo-se, em primeiro plano, os dois camaradas dos pilotos que saíram ilesos do desastre. Em baixo, um aspecto do funeral durante o lançamento das urnas às sepulturas.



Duas encantadoras crianças que quiseram, por força, ficar também no retrato com o Padre Cruz.



O SR. MINISTRO DAS COLÓNIAS falando ao País, por intermédio da Emissora Nacional, antes da sua partida para Angola e Moçambique.



O SR. SUBSECRETÁRIO DE ESTADO DA GUERRA condecorando um aluno do Colégio Militar durante a festa de encerramento do ano lectivo.



NO GRUPO TAUROMAQUICO «SECTOR I» efectuou-se um banquete de homenagem a alguns mestres do toureio espanhol que vieram exibir-se em Lisboa, entre os quais Rafael Gallo, Juan e José Belmonte.

A PERDA DE COLOMBO

(Continuação da pág. 7)

reduzida guarnição se ia agüentando por um prodígio de valentia e de patriotismo, fôz ainda uma sortida, à luz do dia e apenas com nove homens, seus destemidos companheiros, para destruir uma bateria instalada entre umas palmeiras, que nos estava a fazer muito mal.

Tão grande arrôjo foi coroado de êxito e os 10 bravos regressaram sãos e salvos, depois de tomarem a bateria, degolarem os holandeses que a guarneciam e queimarem as palmeiras!

Era devido à tẽmpera de tão valentes guerreiros que a praça se agüentou longos meses, não obstante a falta de socorros e de mantimentos, a ruina das muralhas, as doenças, a falta, enfim, da mais leve esperança de serem socorridos, enquanto os inimigos, dia a dia, iam recebendo reforços.

De Goa não se via aparecer o mais pequeno auxilio. Parece que o vice-rei, então Manuel de Mascarenhas Homem, não ficara com grande amor à cidade de Colombo, onde fôra governador, e egoisticamente deixou-a entregue à sua sorte, desatendendo os pedidos de Sousa Coutinho.

Pois, apesar de completamente desamparados, de reduzidos à última extremidade, famintos e alquebrados, os defensores de Colombo prolongavam intrẽpidamente a resistẽncia, recusavam altivamente tãdas as propostas de capitulação, firmemente resolvidos a morrer, até ao último, debaixo das muralhas desmanteladas.

A 7 de Maio de 1656, tendo sido já morto Gerardo d'Huld, resolveu João Vlaas vingar a tomada da bateria que o padre Damião Vieira e os 9 companheiros haviam feito, e arremessou numerosas tropas

contra o baluarte de S. João, já arrazado, e defendido apenas por três homens! Pois, apesar disso, custou-lhe cara a vitória; muitos holandeses, que depois por aí entraram e correram para a cidade, foram detidos por meia dúzia de soldados reünidos à pressa por António de Melo e Manuel Marques, repellidos para o forte, do forte para o velho baluarte, e, finalmente, precipitados do alto dos parapetos!

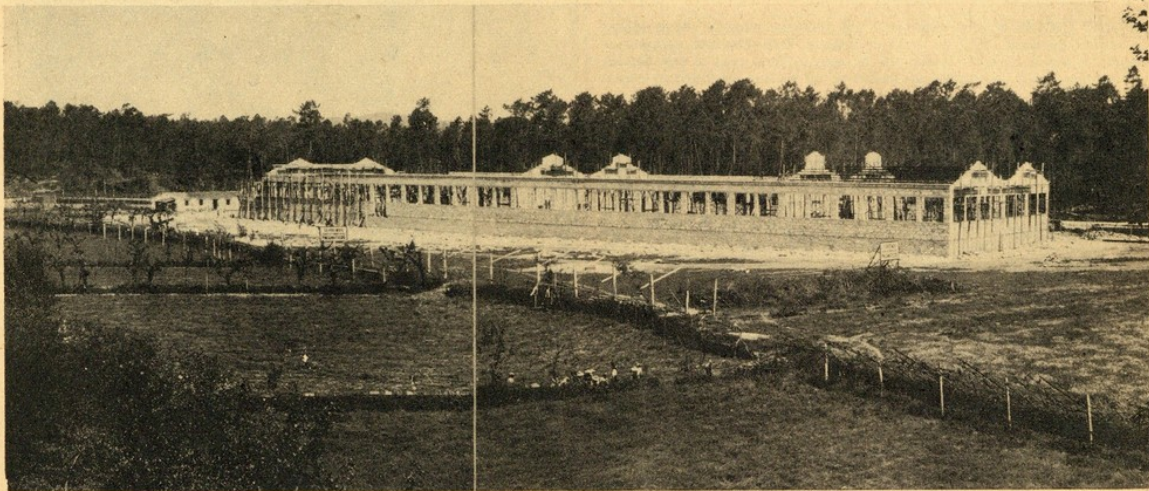
Era uma febre, um delirio, uma exaltação patriótica como nunca se vira, que fazia continuar esta defesa louca.

Finalmente, Sousa Coutinho, para não sacrificar o que restava da cidade e da briosa guarnição que já mostrara ao mundo inteiro o seu heroismo e o seu valor, resolveu reünir em conselho os officiais e alguns dos mais categorizados habitantes, para se deliberar acerca de tão grave situação. Pois ainda assim, foi por 21 votos contra 13 que se decidiu a capitulação!

A 12 de Maio de 1656, precisamente seis meses depois do primeiro e terribilissimo assalto de Gerardo d'Huld, saíram das ruínas de Colombo as reliquias da guarnição que tão intrẽpidamente a tinham defendido.

Eram apenas 94 homens, entre officiais e soldados, e 100 milicianos. Doentes e alquebrados, desfilarão ainda altivamente perante o adversário atônito com o seu pequeno número, de bandeiras desfiladas, morrões acesos, tambores rufando, com tãdas as honras de guerra devidas a heróis que, como êles, tinham sabido elevar-se aos astros, tanto na vitória como na derrota, o sagrado nome de PORTUGAL.

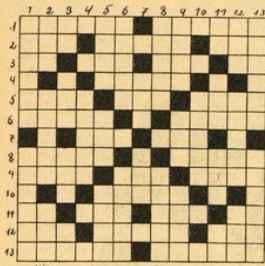
Um grande problema nacional em via de solução: pneus portugueses



Edifícios em construção para a nova fábrica da Manufactura Nacional de Borracha, concessionária da indústria de pneus em Portugal, tais como se encontravam no principio do mês passado. As obras podem já considerar-se neste momento concluidas, aguardando-se apenas a maquinaria já paga e pronta para embarcar desde há muitas semanas nos Estados Unidos. O governo está tratando, com todo o interesse, de obter a licença de exportação do governo americano, como se está sollicitamente ocupando, também, da garantia do fornecimento de borracha colonial e das restantes matérias-primas à nova indústria, para logo que possa iniciar a laboração, o que se espera fazer-se ainda até aos principios do próximo ano.

PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N.º 28



HORIZONTAIS: 1 — Nomada. Imitador. 2 — Época notável; Recanto (pl.); Cadeia. 3 — Vínculo; Ergo; Açucena; Nota musical. 4 — Socorro. 5 — Vegetação espontânea; Ovário de peixes; Nome que os maometanos dão a Deus. 6 — O mesmo que Ruão; Cordão. 7 — Cruel; Miadela. 8 — Arma antiga de que usavam os guardas do paço; Estavo. 9 — Cépo; Golfo; Subir. 10 — Pó indiano, composto de várias especiarias, para adubos culinários. 11 — Existe; Enxergar; Cança; Abrev. de Sua Santidade. 12 — Rio de Portugal; Respeita; Pata (pl.). 13 — Tostara; Despovoára.

VERTICAIS: 1 — Quebrar; Campeão. 2 — Herdade dividida por marcos; Rubicundo; Animo. 3 — Nada; Planta labiada, espécie de genípi; Sorte de jogo de cartas; Arrijo plural feminino. 4 — Largo. 5 — Lacheira; Prega; Comer a ceia. 6 — Aborrecimento; Cunho. 7 — Nome do bago que é o fruto da videira; Doar. 8 — Adapta; Peça de ferro, em que o cavaleiro embebe o coto da lança, quando a leva horizontalmente, para investir. 9 — Segurava; Queixa (pl.); Luz da Lua. 10 — Enloda. 11 — Outra coisa; Labareda; Mais longe; Instrumento de padejar. 12 — Porquê; Encova; Vida. 13 — Ouvido; Aragen.

Solução do problema n.º 27

HORIZONTAIS: 1 — Glória; Arabis. 2 — Rico; Orco; Vela. 3 — Acaso; Talim. 4 — Na; Asa; Sal; Ob. 5 — Dom; Ana. 6 — Ala; Ara.

7 — Vão; Sim. 8 — Azar; Rito. 9 — Mel; Alah; Sés. 10 — Real; Oito. 11 — Ornamentar. 12 — Afrentes. 13 — Imitem. 14 — Atem. 15 — As.

VERTICAIS: 1 — Grandeza. 2 — Lição; Liam. 3 — Oca; Meta; Zero. 4 — Rosa; Valerá. 5 — Os; Ar; Anji. 6 — Ao; As; Do; Alarma. 7 — Moita. 8 — Entes. 9 — Ao; Si; Os; Hontem. 10 — Ta; Ir; Item. 11 — Aval; Mistas. 12 — Bel; Alma; Teor. 13 — Iliom; Rios. 14 — Sambarca.

Dicionários adoptados: Cândido de Figueiredo, 4.ª Edição; Língua Portuguesa e Sinónimos — Fonseca e Roquete; Do Povo; Sinónimos e Mitologia — de Bandeira; e Mitologia — de Chompré.



para cuidar do seu cabelo é quanto basta! Uma fricção com o

Petróleo Químico Nally

mantém duradouramente o seu cabelo de boa saúde. O Petróleo Químico Nally é o único remédio eficaz contra a caspa e contra a queda do cabelo. 22 elementos activos entram na sua composição. Além da acção medicinal, deixa o cabelo sedoso e domável e com um perfume suave e persistente.

Vida MUNDIAL ilustrada

JOSE CÂNDIDO GODINHO — Director; JOAQUIM PEDROSA MARTINS — Editor e Proprietário — Redacção e Administração: R. Garrett, 80, 2.º — Lisboa — Tel. 25844 — Composto e impresso nas Oficinas Gráficas Bertrend (Irmãos), Ltd. — Travessa da Condessa do Rio, 27 — Lisboa. DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS PARA PORTUGAL E COLÓNIAS: Agência Internacional, Rua de S. Nicolau, 119, 2.º — Telefone 2 6942.

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA



O INTELLECTUAL ESPANHOL Eugénio Montes durante a sua conferência há dias realizada no Circulo Eça de Queiroz.

A SUPREMA PELICULA

para grandes ampliações e finura de detalhes

O grão finissimo da película Kodak Panatomic X permite ampliações a grandes formatos e cópias da melhor qualidade.

À venda nas boas casas de artigos fotograficos.

KODAK Panatomic-X

BBC

LONDRES

A VOZ DE LONDRES

Fala e o mundo acredita

Noticiário em LINGUA PORTUGUESA

Horas		Estações	Ondas curtas
12.45	Noticiário	{ GRU 31,75 m. (9,45 mc/s) GRV 24,92 m. (12,04 mc/s)	
14:15	Noticiário	{ GRZ 13,86 m. (21,64 mc/s) GRU 31,75 m. (9,45 mc/s)	
14.30	Actualidades	{ GRV 24,92 m. (12,04 mc/s)	
23.00 (*)	Noticiário	{ GRX 30,96 m. (9,69 mc/s) GSB 31,55 m. (9,51 mc/s)	
23.15 (*)	Actualidades	{ GRT 41,96 m. (7,15 mc/s)	

(*) Este periodo de Noticiário e Actualidades ouve-se também em ondas médias de 261,1 metros (1.149 kc/s) e ondas compridas de 1.500 metros (200 kc/s).



AS SENHORAS que tomaram parte no concerto lirico recentemente efectuado no Clube dos Fenianos Portugueses, com o maestro Alberto Pimenta (Filho) e o professor Júlio Câmara.

FALA-SE ESTA SEMANA DE...

N O R B E R T O L O P E S



Jornalista distinto, chefe da Redacção do «Diário de Lisboa» e escritor de reconhecidos méritos que acaba de obter um notável êxito com o seu livro recentemente posto à venda «O exilado de Bougie», uma edição notável da Parceria António Maria Pereira. Neste volume, Norberto Lopes apresenta-nos um estudo cuidadoso e consciencioso da vida do Presidente Teixeira Gomes. Tanto como uma biografia, feita com notável acerto, o livro é também um notável capítulo da história política contemporânea que se reconstitui com segurança e nitidez. E em todos os aspectos este livro é o grande acontecimento literário do momento.

P I E R R E G O M A E R E



Grande figura do mundo intelectual e contemporâneo que se encontra há tempos entre nós e, em conferências e artigos, tem divulgado os seus admiráveis conhecimentos sobre vários problemas de actualidade. Pierre Gomaere acaba de publicar um livro de indiscutível interesse, cuja projecção no nosso meio é notável. Trata-se do primeiro volume duma coleção intitulada «Os grandes contemporâneos», dedicado a Bissau Barreto, grande figura da Medicina portuguesa, personalidade de extraordinário relevo da vida de Coimbra, fomentador de grandes obras de caridade e assistência. Biografado e biógrafo são dignos de idêntica homenagem que muito gostosamente lhes prestamos.

A L B E R T O X A V I E R



Intelectual de comprovada competência, escritor muito ilustre que tão assinalados serviços tem prestado à cultura portuguesa, e que acaba de publicar uma excelente análise crítica ao «Dom Quixote» feita com grande cópia de erudição. Neste trabalho, Alberto Xavier considera as várias perspectivas dessa obra imortal que tão larga influência exerceu nos romancistas posteriores e, conhecendo as investigações históricas de séculos sobre a grande obra de Cervantes e as interpretações que tem suscitado, deu-nos uma análise pessoal muito completa sobre o grande livro, com os seus reflexos no mundo culto e especialmente sobre Portugal.

J O A Q U I M R O Q U E D A F O N S E C A



Figura de notável destaque no nosso meio comercial, que largamente tem afirmado com indiscutível valor a sua personalidade, especialmente, desde 1936, na presidência da Associação Comercial e Câmara de Comércio de Lisboa, e bem assim no Automóvel Clube de Portugal e como director dos Serviços Comerciais da Exposição do Mundo Portuguesa e na organização das homenagens ao comércio e à indústria centenários do País ali realizadas, o sr. Joaquim Roque da Fonseca acaba de o comprovar na sua obra «Servir», em que reuniu alguns dos seus principais e brilhantes trabalhos naquêlles primeiros cargos e como Procurador à Câmara Corporativa, durante os últimos cinco anos, sobre assuntos económicos, sociais e de turismo.

Luis de Oliveira Guimarães

Dize tu
dizei ou

• VIDA MUNDIAL EDITORA •

Um grande êxito literário — Numerosas entrevistas com as personalidades mais conhecidas da vida portuguesa, ilustradas por dezenas de caricaturistas. Distribuidores exclusivos: Agência Internacional — Rua de S. Nicolau, 119, 1.º.



O «Stand» n.º 19 da Feira do Livro, pertencente à Editorial Cosmos, onde se encontra em exposição a última novidade literária — o livro «Hollywood em Lisboa», de Fernando Frago, a mais recente edição de «Vida Mundial Editora».



OUTRO ASPECTO do cortejo da «Queima das Fitas», em Coimbra.



A FESTA DA QUEIMA DAS FITAS EM COIMBRA



COIMBRA tem todos os anos, por alturas do fim do período lectivo, uma das suas festas mais tradicionais, populares e ruidosas — a da «Queima das Fitas», que simboliza a saída da Universidade dos novos doutores e a ascensão dos quartanistas a quintanistas. A alegria dos estudantes contagia o povo da cidade as festas que, por essa ocasião, se efectuam contam sempre com a colaboração de todos os coimbricenses.



ESTE ANO, a «Queima das Fitas» foi, mais uma vez, festa de grande brilhantismo a encher de buliço as ruas da cidade. Damos nestas páginas vários aspectos da passagem do cortejo de carros alegóricos pela Baixa e um lindo friso de senhoras assistindo das janelas ao desfile. Nêles se patenteia a animação que reinou nas ruas de Coimbra, a fantasia e a graça dos académicos. Em cima, na rua Ferreira Borges; em baixo, no largo da Feira.



DOIS ASPECTOS DA LUTA NA REGIÃO DO DONETZ: Trabalhos de construção duma estrada—Uma coluna motorizada alemã avançando por uma ponte construída rapidamente pelos pontoneiros do Reich.

RESTRIÇÕES DA ELECTRICIDADE

Quere V. Ex. saber como utilizar o seu Aspirador de Pó ou a Eceradora, de forma a gastar apenas 1 Kw por mês?

Consulte a

ELECTROLUX LIMITADA

Avenida da Liberdade, 141

LISBOA

Escutai ROMA!

RADIO CENTRO EIAR IMPERIAL

NOVO HORÁRIO
NOTICIÁRIO EM LINGUA PORTUGUESA
TODOS OS DIAS

Horas de Portugal	ESTACÕES	m.	Kc/s
9,50	Noticiário { 2 RO 6	m. 19,61	Kc/s 15,300
		m. 25,40	Kc/s 11,810
13,15	Comunicado de guerra { 2 RO 17	m. 15,31	Kc/s 19,590
		m. 16,88	Kc/s 17,770
17,30	Noticiário { 2 RO 17	m. 15,31	Kc/s 19,590
		m. 16,88	Kc/s 17,770
		m. 19,61	Kc/s 15,300
22,10 e 0,10	Noticiário { 2 RO 22	m. 25,10	Kc/s 11,950
		m. 25,40	Kc/s 11,810
		m. 31,15	Kc/s 9,630
		m. 41,55	Kc/s 7,220
1,	Noticiário { 2 RO 6	m. 263,20	ondas
		m. 221,10	médias
		m. 19,61	Kc/s 15,300
		m. 29,04	Kc/s 10,330
		m. 30,74	Kc/s 9,760

CONVERSAÇÃO EM LINGUA PORTUGUESA
 (às quartas e domingos)

22,10 (às quartas)	m. 25,70	Kc/s 11,695
22,20 (aos domingos)	m. 30,25	Kc/s 9,830

LIÇÕES DA UNIVERSIDADE RADIOFÓNICA ITALIANA
 (às terças, quintas e sábados)

16,35	{ 2 RO 11	m. 41,55	Kc/s 7,220
	{ 2 RO 22	m. 25,10	Kc/s 11,950

CONTRA TODAS AS QUEIMADURAS

APYROL NÃO É UM CREME, É UM PRODUTO MEDICINAL

À venda na Farmácia Estácio—Rossio e em todas as boas farmácias e drogarias

APYROL



NO DESERTO MARMÁRICO, novamente revolvido por batalhas de «tanks» e batido por fortes tempestades de areia — soldados italianos gozando um momento de repouso depois de rija peleja.



O general
alemão **CRUEWELL**
feito prisioneiro na Líbia

O GENERAL CRUEWELL, chefe das divisões blindadas alemãs do «African Korps», foi recentemente feito prisioneiro pelos ingleses durante a campanha da Cirenaica, no desenrolar da ofensiva das tropas do «eixo» e da contra-ofensiva de Ritchie. Figura de grande prestígio no exército alemão, cavaleiro da Cruz de Ferro, Cruewell aparece-nos nesta foto (à direita) no momento em que entregava ao general Bastico, governador da Líbia e chefe do Corpo Expedicionário italiano (à esquerda), a medalha de prata do valor militar. À esquerda vê-se também o general italiano Calvi di Bergolo.

SERVIÇO ALEMAO

que mais se vende em Portugal

ILUSTRAÇÕES:

Illustrierte Beobachter
 Das Schwarze Korps
 Berliner Illustrierte
 Das Illustrierte Blatt
 Das Reich
 Der Adler
 Die Wehrmacht
 Europäische Literatur
 Europa-Kabel
 Hamburger Illustrierte
 Illustrierte Zeitung Leipzig
 Kölnische Illustrierte
 Münchener Illustrierte
 Modenwelt
 Sinal
 Wiener Illustrierte

Distribuição de:

Agência Internacional

Rua de S. Nicolau, 119

LISBOA

COMPANHIA NACIONAL DE NAVEGAÇÃO

LINHA RÁPIDA DA ÁFRICA OCIDENTAL E ORIENTAL

LOURENÇO MARQUES

Sairá no dia 30 de Junho pelas 16 horas,
recebendo carga e passageiros para:

**Funchal, S. Tomé, Sazaire, Luanda, Lobito, Mos-
sâmedes, Lourenço Marques, Beira, Moçambique
e outros portos da costa ocidental e oriental,
sujeita a baldeação**



Para esclarecimentos e mais informações:

Séde — LISBOA. Rua do Comércio, 85. Tel. 23021
(6 linhas)

Sucursal no PORTO. R. Infante D. Henrique, 73 r c
Tel. 1434



ASPECTO GERAL da formatura da «Legião Portuguesa» durante a recente cerimónia da entrega do Castelo de S. Jorge à guarda daquela organização.



*Sentinelas americana
na Flórida*

OS RECENTES ATAQUES da aviação nipônica ao território do Alasca e os movimentos da esquadra nipônica nas proximidades da ilha de Midway, onde se travou forte batalha aero-naval, levaram a América do Norte a tomar novas medidas de precaução ao longo de toda a sua costa do Pacífico e na zona do canal de Canal. Essas medidas acentuaram-se também na costa atlântica. A foto mostra-nos uma patrulha de exército americano fazendo a guarda na ponte de Miami — uma das maiores dos Estados Unidos da América.